

# TRANSLATING *ULYSSES*

## TRADUZINDO *ULYSSES*



JOAQUIM MALLAFRÈ

NANA COUTINHO, CAROLINA PAGANINE (TRADUTORAS)

**Abstract:** This paper aims at recounting the process of how I engaged with James Joyce's *Ulysses* up to the moment when I decided to translate it into Catalan, and at specifying a few of its challenges. While translating *Ulysses* I wrote and reviewed and rewrote its pages, looking for correct solutions to specific and interrelated translation problems. In trying to do so it was necessary to recover expressions, proverbs, set phrases, songs, jokes, jargons, etc, that would help me in getting to the exact rendering of Joyce. The scope of this paper does not allow me but to cite a few instances in illustration of what I say.

**Keywords:** James Joyce; Translation in Spain; Translation into Catalan; *Ulysses*.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é relatar como me envolvi com o *Ulysses* de James Joyce até o momento quando decidi traduzí-lo ao catalão, e especificar alguns de seus desafios. Enquanto traduzia o *Ulysses* escrevi e revisei e reescrevi suas páginas em busca de soluções corretas para problemas de tradução específicos e inter-relacionados. Na tentativa de fazer isso foi necessário recuperar expressões, provérbios, frases feitas, canções, chistes, jargões, etc que me ajudariam a chegar na tradução exata de Joyce. O escopo deste artigo não me permite mais do que citar uns poucos exemplos a título de ilustração do que digo.

**Palavras-chave:** James Joyce; Tradução na Espanha; Tradução ao catalão; *Ulysses*.

*A portrait of the translator as a  
young Man*

I have been asked more than once about how and when I first thought of translating *Ulysses* into Catalan. It is not easy to answer: I know when I set myself to work, but the interest in Joyce and the idea of reading his famous novel goes far back in time, to my school days, when I was sixteen or so, and memories may be blurred. But I shall try to retrace the steps of the process, until I decided to translate it, from memory and from some notes I keep.

Literature attracted me. I wrote some (rather bad) poems, and, a naive teenager, dreamt of reading all the great books of the world. I was lucky enough to have a good teacher that now and then told us about some writers not necessarily in the school program.

We used to translate a lot at high school and I think that was a good training. Translation from Latin was a deconstruction of one language that had to be re-codified in Spanish. I would not dare write in French now, but since my secondary school time I have been able to understand French, to make myself understood, and to read books in French. So, from my experience, those systems based on the translation of *morceaux choisis* were not bad, and, in my opinion, some modern approaches to languages, better as they may be in many aspects, are wanting in translation.

I studied English later, especially when I went to England as an

*Retrato do tradutor quando jovem*

Já me perguntaram mais de uma vez sobre como e quando foi que pensei, pela primeira vez, em traduzir *Ulysses* para o catalão. A resposta não é fácil. Eu me lembro do momento em que me dispus a essa tarefa, mas o interesse por Joyce e a ideia de ler o seu famoso romance remontam a um tempo distante, à época da escola, por volta dos meus dezesseis anos, e as lembranças podem estar confusas. Mas vou tentar reconstituir os passos do processo até a hora em que decidi traduzi-lo, partindo das minhas recordações e das anotações que tenho.

A literatura me encantava. Escrevi alguns poemas (bem ruins) e, quando adolescente ingênuo, sonhava em ler todas as grandes obras do mundo. Tive a sorte de ter um bom professor que de vez em quando nos falava de alguns escritores que não estavam no programa escolar.

Traduzíamos muito no colegial e penso que esse era um bom exercício. A tradução do latim era uma desconstrução de uma língua que tinha que ser recodificada em espanhol. Não ousaria escrever em francês hoje, mas desde o colegial consigo compreender, me fazer entender e ler livros nessa língua. Portanto, pela minha experiência, aqueles sistemas baseados na tradução de *morceaux choisis* [*palavras isoladas*] não eram ruins e, na minha opinião, algumas abordagens modernas do ensino de línguas, por melhor que sejam em muitos aspectos, são deficientes quando o assunto é tradução.

Estudei inglês depois, sobretudo quando fui para a Inglaterra

assistant teacher of Spanish in a grammar school. At the time, I could hardly speak English, but having thirty children in a class sharpens your wits for survival. In order to learn a wide vocabulary and become more or less familiar with the syntax, I used to translate poems, prose, advertising, and whatever I could. To translate plays was most interesting because of the dialogues. My first translation of a more lengthy piece was John Osborne's *Look back in anger*, and it was gratifying to find expressions, allusions and set phrases faithful to the original in my own language. It had to work well on stage. Listening to a translation or reading it aloud is always a good thing to do for the sake of rhythm and sound and living words. We should not forget, though, that, first of all, the translators' responsibility is for the model imposed by the author they are translating, for his thought, language and style, which in translation are to be expressed in the language the translator knows best: his/her own.

At this point, a major fact must be mentioned. Catalan was my mother tongue and Catalan was the everyday language of my family, of our neighbours, of the people in the street, in shops, etc. But under Franco's regime (I know, it bothers the audience to listen to this when Catalan speakers take the floor and talk about this period, but I think this digression is justified here), under Franco's regime, I say, Catalan was no longer a language of culture. It was deprived of any official status, banned from many places, cinema, books, shows, and

trabalhar como professor assistente de espanhol em uma escola primária. À época, eu mal sabia falar o idioma, mas ter trinta crianças em uma sala de aula afia nossa capacidade para a sobrevivência. Para ampliar o vocabulário e me tornar mais ou menos familiarizado com a sintaxe, traduzia poemas, prosa, propaganda, tudo que podia. Traduzir peças de teatro era muito interessante por causa dos diálogos. A primeira tradução que fiz de uma peça mais longa foi *Look back in anger* [Olhe para trás com raiva] de John Osborne. Era um trabalho gratificante encontrar as expressões, alusões e frases feitas na minha própria língua que fossem fiéis ao original. Tinha que funcionar bem no palco. Ouvir uma tradução ou lê-la em voz alta é sempre um bom exercício para perceber o ritmo, o som e a vivacidade das palavras. No entanto, não devemos esquecer que, antes de tudo, a responsabilidade dos tradutores é para com o padrão imposto pelo autor que estão traduzindo, com o seu pensamento, sua linguagem e seu estilo, o que, na tradução, serão expressos na língua que o tradutor mais conhece: a sua própria.

Neste momento, um fato importante deve ser mencionado. O catalão era meu idioma materno, era a língua do dia-a-dia da minha família, dos vizinhos, das pessoas na rua, nas lojas etc. Mas, sob o governo de Franco (sei que é aborrecedor quando os catalães pedem a palavra e discursam sobre esse período, mas creio que aqui essa digressão se justifica), sob o governo de Franco, como disse, o catalão deixou de ser uma língua culta. Ela foi destituída de qualquer status oficial, proibida em vários lugares: no cinema, nos livros, nos shows,

public events, and, of course, from school. But orality was strong at the time. Television did not exist, we did not even have a radio set at home, so jokes, songs, poems were present in family meetings. And in summer, when in a village where I had some relatives, I heard and spoke Catalan all the time. Spanish was only necessary in a bureaucratic world, somehow distant from everyday life at that time. Besides, secular clergy in Catalonia kept the vernacular alive in many occasions, and political authorities did not dare to oppose them, so, the catechism questions and answers in Catalan when preparing for the first Communion provided me with a more abstract language. The prayers of the Catholic liturgy would give me later the exact translation of some of the references of *Ulysses*, which were more immediately familiar to me than to a Speaker of English that lacked religious learning.

I went to a secondary school, and then to University, and Spanish was *the* language for anything really serious there. I took my degree in Romance languages, taught Spanish Literature, which I am fond of, and I was not aware of what I had been about to lose as far as language is concerned.

Recovering my own language for cultural purposes was the most exciting experience in translating. I recovered it while I was remembering and enlarging it through books and classes given, in a hostile context, by people or cultural institutions that believed in a revival of Catalan. And it is amazing how well I knew it in spite of all those years when it was not taken into consideration, not even by me. I

nos eventos públicos e, claro, na escola. Mas a oralidade era forte na época. A televisão não existia, nem mesmo rádio nós tínhamos em casa, então, as anedotas, as canções e os poemas faziam parte das reuniões familiares. No verão, numa vila onde tinha alguns parentes, eu ouvia e falava catalão o tempo inteiro. O espanhol só era necessário no mundo burocrático, distante, de certa maneira, da vida cotidiana naquele tempo. Além disso, o clero secular na Catalunha mantinha o vernáculo vivo em muitas ocasiões e as autoridades políticas não ousavam contrariá-los. Assim, o exercício de perguntas e respostas do catecismo em catalão, durante a preparação para a primeira comunhão, me ensinaram uma linguagem mais abstrata. As orações da liturgia católica iriam me fornecer, mais tarde, a tradução exata de algumas referências de *Ulysses* que me eram mais familiares do que para um falante de inglês sem estudo religioso.

Fui para o colegial e depois para a universidade e lá, o espanhol era *o* idioma para qualquer coisa que fosse realmente importante. A minha graduação foi em Línguas Românicas, lecionei literatura hispânica, de que gosto muito, e não tinha consciência do que estava prestes a perder com relação à linguagem.

Redescobrir a minha própria língua, por razões culturais, foi a experiência mais emocionante ao traduzir. Eu a redescobria enquanto a relembrava e a expandia por meio dos livros e das aulas ministradas, em um contexto hostil, por pessoas ou instituições culturais que acreditavam no ressurgimento do catalão. E é impressionante como eu conhecia tão bem essa língua apesar de todos aqueles anos em que ela não

spoke Catalan without being conscious of how rooted it was in my inner expression, which the Spanish school was not able to match. The language at home, in the streets, in the market, but also the language of tales and novels published before the Civil War and found as a child among other old books. There were also Catalan writers, from Ramon Llull and Ausias Marc, till the revivalists of the 19th century. I was discovering them later than I had done with Spanish classics. I liked these, too, and their language. But the varieties, dialects, registers, undertones that I could sense in Catalan were the ones that could help me in translating such writers for whom language is so rich and complex, as Joyce, Beckett, Pinter, writers that I have translated, attracted by their complexity.

When Carmelo Medina Casado invited me to contribute to these “Papers on Joyce”, he was looking for “una aproximación personal a la traducción de esta novela [*Ulysses*] que por su dificultad es un excelente test para reconocer la madurez de una lengua”<sup>1</sup>. It was exciting to find solutions, from different fields and registers apt to match Joyce's prose. Catalan had the tools. My duty was to discover them.

Why did I choose *Ulysses*? I think I heard the novel mentioned for the first time in the classes of Literature at High School. Proust, Joyce, Kafka were the highlights of modern prose, so it is only natural that a young man keen on Literature was eager to discover their

fora levada em consideração, nem mesmo por mim. Falava catalão sem ter a consciência do quão enraizado ele estava na minha expressão mais íntima, algo que a escola espanhola não conseguiu atingir. Era a língua de casa, das ruas, do mercado, era também a língua dos contos e romances publicados antes da Guerra Civil, descobertos em meio a outros livros antigos quando era criança. Havia também outros escritores catalães, de Ramon Llull e Ausias Marc até os revivalistas do século XIX, e eu os descobri depois dos clássicos espanhóis. Gostava desses também e de seu idioma. Mas as variações, os dialetos, os registros, as nuances que percebia no catalão eram as que me ajudariam a traduzir os autores para os quais a língua é tão rica e complexa, como Joyce, Beckett, Pinter – escritores que traduzi, cujas complexidades me fascinavam.

Quando Carmelo Medina Casado me convidou para contribuir para a publicação “Papers on Joyce”, ele buscava “uma abordagem pessoal da tradução desse romance [*Ulysses*] que, por sua dificuldade, é um teste excelente para reconhecer a maturidade de uma língua”<sup>2</sup>. Era interessante encontrar soluções, de diversas áreas e registros, que estivessem à altura da prosa de Joyce. O catalão tinha as ferramentas e eu, o dever de descobri-las.

Por que escolhi *Ulysses*? Acho que ouvi falar desse romance pela primeira vez nas aulas de literatura do colegial. Proust, Joyce e Kafka eram os expoentes da prosa moderna, de maneira que era muito natural que um jovem interessado em literatura estivesse louco para

<sup>1</sup> “a personal approach to the translation of this novel whose difficulty is an excellent test to recognize the maturity of a language”. *My translation*.

<sup>2</sup> “Papers on Joyce” 14, Spanish James Joyce Society, 2008, p. 71-83.

works. But curiously enough, *Ulysses*, a 20th century's masterpiece according to our teacher, could not be found in bookshops or in libraries in the late fifties. I was surprised. I learnt that the book had been banned in Nazi Germany, in Communist Russia, in the U.S. By that time I saw a film, *The young lions* ("El baile de los malditos" in Spanish), based on Irwin Shaw's novel, and directed by Edward Dmytryk in 1958. There, private Ackerman, dramatically impersonated by Montgomery Clift, was severely punished for reading *Ulysses*.

Forbidden fruit is sweet. I went to university. In the back room of a bookshop in Barcelona you could buy books by Henry Miller, D. H. Lawrence, especially in South American translations, and works by dissident writers like the ones published by "Ruedo Ibérico". And there I was able to buy *Ulises* translated by Salas Subirats.

I confess that I did not finish reading it then. And yet, those fireworks, those displays of language, the stream of consciousness and a lot of devices Joyce used, woke up some parallels, reminded me of something that I could hardly identify, but that left me with the feeling that I had to come back to the book in due time.

Meanwhile I read on Joyce in García Sabell's *Tres síntomas de Europa*, in Curtius's *Ensayos críticos acerca de la literatura europea*, and in Eco's *Obra abierta*, and a couple of biographies. In 1968 I

conhecer esses autores. Mas, curiosamente, *Ulysses*, uma obra prima do século XX segundo nosso professor, não era encontrada nas livrarias ou bibliotecas no final dos anos cinqüenta. Fiquei surpreso. Soube que o livro fora proibido na Alemanha nazista, na Rússia comunista e nos Estados Unidos. Nessa época, assisti ao filme *The young lions* ("El baile de los malditos", em espanhol), baseado no romance de Irwin Shaw e dirigido por Edward Dmytryk em 1958. No filme, o soldado Ackerman, interpretado de modo impressionante por Montgomery Clift, era duramente castigado por ler *Ulysses*.

O fruto proibido é mais gostoso. Fui para a universidade. No quarto dos fundos de uma livraria em Barcelona, podia-se comprar livros de Henry Miller, D. H. Lawrence (principalmente em traduções sul-americanas) e obras de escritores dissidentes como aquelas publicadas por "Ruedo Ibérico". Lá, consegui comprar *Ulises* traduzido por Salas Subirats<sup>3</sup>.

Confesso que não cheguei a terminar a leitura naquela ocasião. E, no entanto, aqueles artificios, aqueles espetáculos de linguagem, o fluxo de consciência e uma série de mecanismos usados por Joyce me despertavam para certos paralelos e me lembravam algo que mal conseguia identificar, mas que me deixava a impressão de que tinha que voltar àquele livro no momento certo.

Enquanto isso, eu lia sobre Joyce nos livros: *Tres síntomas de Europa*, de García Sabell; *Ensayos críticos acerca de la literatura europea*, de Curtius; *Obra abierta*, de Eco, e em algumas biografias. Em

<sup>3</sup> JOYCE, James. *Ulises*. Traduzido por J. Salas Subirats. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1962.

bought *Ulysses* in English, and a year later *Ulisse* in French. In 1972 I translated a couple of pages, just for fun. In the summer of 1973 I wrote the first chapter and since then I went on translating and getting useful information, although it was after I got the post at the high school in Reus in 1975, that I could devote myself, regularly but unhurriedly, to translating *Ulysses*. At first I had taken pleasure in finding solutions that seemed to me that reflected the puns, the quotations, the living, meandering, colloquial or highly elaborated forms of the original. At a certain point I decided I would finish translating the book. I had not a publisher, but I was convinced that Joyce's work would meet with interest, and that my translation would be correct enough to be considered, in view of the encouragement I got.

Apart from high school I had been asked to give some classes in Tarragona when university studies were created there. Jaume Vidal Alcover, a Catalan writer and professor, taught there too, and we used to meet and talk. One day, he and M. Aurèlia Capmany, another influential writer, came to my house to dinner. I had mentioned to them that I was translating *Ulysses*, and they wanted to know more about it. I read the first chapter and some more passages, and they not only liked them, but told me that they would put me in contact with some publishers. M. Aurèlia Capmany addressed me to a couple of them. They were interested in having the book in Catalan. I signed a contract with the first one, but after some time, the publishing house went bankrupt (it was not my fault, I swear!). A major publisher was

1968, comprei *Ulysses* em inglês e, um ano depois, *Ulisse* em francês. Em 1972, traduzi algumas páginas só por diversão. No verão de 1973, redigi o primeiro capítulo e, desde então, continuei traduzindo e coletando informações úteis. Mas foi só depois de ter conseguido o emprego no colegial de Reus em 1975, é que pude me dedicar com regularidade, mas sem pressa, à tradução de *Ulysses*. No início, era um prazer encontrar soluções que me parecessem refletir os jogos de palavras, as citações, a vivacidade, os meandros, o coloquialismo ou o rebuscado das formas do original. Num determinado momento, decidi que traduziria o livro todo. Não tinha um editor, mas estava convencido de que a obra de Joyce despertaria interesse e de que a minha tradução seria correta o bastante para ser respeitada, tendo em vista o encorajamento que recebi.

Além de trabalhar no colegial, fui convidado a ministrar algumas aulas em Tarragona quando criaram os cursos universitários. Jaume Vidal Alcover, professor e escritor catalão, também lecionava lá e costumávamos nos encontrar para conversar. Um dia, ele e a Sra. Aurèlia Capmany, outra escritora influente, vieram jantar em minha casa. Tinha mencionado que estava traduzindo *Ulysses* e eles queriam saber mais a respeito. Li o primeiro capítulo e mais algumas passagens. Eles não só gostaram como também me disseram que me colocariam em contato com alguns editores. A Sra. Aurèlia Capmany me indicou dois deles, interessados em ter o livro em catalão. Assinei um contrato com o primeiro, mas, depois de algum tempo, a editora faliu (não por minha culpa, juro!). Em seguida, uma grande editora se interessou,

then interested, but on studying the cost of a translation of more than seven hundred pages, and considering that there had been a decrease in Catalan translations in the seventies, postponed the project. I am quite sincere if I say that I felt rather relieved. When you sign a contract, you are urged to finish work by a given date, however far in time they fix the limits. I hated to be hurried, the translation of *Ulysses* took its time and I had much work ahead. At last, when I was translating the last chapters, Elvira Cobos and Pedro Ancochea offered to publish my translation. They owned “Leteradura”, a bookshop in Barcelona that not only sold books but published them, and reproduced old magazines. They had heard of my translation from some customers and from a couple of articles that mentioned my project. They, wisely, looked for some patrons to pay a given price for a bibliophile copy, which helped them to pay the printing costs of the paperback edition. Cultural activities in Catalan have often needed private support. I was glad to see the book in 1981. It was well received by critics and sold well for Catalan standards. I had not finished work, though. Some years later I had to prepare a new edition according to Hans Walter Gabler's revision. It appeared in 1996.

*Inside Ulysses. A search for shared materials*

While translating *Ulysses* I wrote and reviewed and rewrote its pages, looking for a correct solution. There was a lot of cultural and

mas, ao avaliar os custos de uma tradução de mais de setecentas páginas e ao considerar a redução no número de traduções para o catalão na década de setenta, adiou o projeto. Digo com muita sinceridade que senti um grande alívio. Quando se assina um contrato, fica-se obrigado a terminar o trabalho numa determinada data e, por mais tempo que se tenha, há limites estabelecidos. Odeio que me apressem, a tradução de *Ulysses* levava tempo e eu tinha muito trabalho pela frente. Ao final, quando estava traduzindo os últimos capítulos, Elvira Cobos e Pedro Ancochea se ofereceram para publicar minha tradução. Eram proprietários da “Leteradura”, uma livraria em Barcelona que não só vendia livros, mas também os publicava e reproduzia revistas antigas. Eles souberam da minha tradução por meio de alguns clientes e de alguns artigos que citavam meu projeto. E, sabiamente, foram em busca de patrocínio para pagar um determinado preço pela edição de luxo, o que os ajudaria a custear a edição em brochura. As atividades culturais realizadas em catalão muitas vezes necessitaram de apoio privado. Fiquei feliz ao ver o livro em 1981. Foi bem recebido pelos críticos e, para os padrões catalães, vendeu bem. No entanto, não tinha terminado o trabalho. Alguns anos mais tarde, tive que preparar uma nova edição, lançada em 1996, de acordo com a revisão de Hans Walter Gabler.

*Por dentro de Ulysses. Uma busca por materiais em comum*

Enquanto traduzia *Ulysses*, escrevia, revisava e reescrevia suas páginas buscando a solução correta. Havia muito material linguístico e

linguistic stuff shared by English and Catalan. I had to investigate. It was necessary to recover expressions, proverbs, set phrases, songs, jokes, jargons, that would help in finding the exact rendering of Joyce's. I asked relatives from a near village for old ways of naming parts Joyce mentioned, and met some Gypsies that dealt in scrap iron and whose lingo was useful to translate the verses in the third chapter, for example, I picked up Catalan books of all ages to render credible the prose of *Oxen of the Sun*, and read the standard Catalan translation of the Bible, of Shakespeare, and other writers quoted or alluded to in *Ulysses* to reproduce a parallel expression. Joyce lived in an oral environment, of which he made use, quoting proverbs, tales, jokes, popular songs and games, and writing with the same resources: puns, set phrases, forms of abuse, down-to-earth verse. At the same time, he was acquainted with the Catholic prayers and practices, with literature, legal and medical jargon, opera, the basically written culture, what I call "polis" language, from Greek, that is to say, the language of politics, and of the city (modern technologies being absent from Joyce's world, there is no need for more complex considerations about oral and written in our time).

I became familiar with biographers such as Cixous, Ellman, Paris, Romana Paci to know more about the man, and was guided by Adams, Benstock, Bowen, Budgen, Burgess, Gilbert, Hart, Hayman, Herring, Litz, Tindall, Senn, Val-

cultural comum ao inglês e ao catalão e eu tinha que investigar. Era preciso redescobrir as expressões, os provérbios, as frases feitas, as canções, as anedotas e os jargões que me auxiliassem a encontrar a versão exata do texto de Joyce. Perguntei a uns parentes de uma vila próxima sobre termos antigos para se nomear as partes do corpo humano que o autor mencionava; conheci uns ciganos que trabalhavam com ferro velho e cujo dialeto foi útil, por exemplo, para a tradução dos versos no terceiro capítulo. Comprei livros catalães de todas as épocas para verter com credibilidade a prosa de *Oxen of the Sun* [*O gado do sol*]; li as clássicas traduções catalãs da Bíblia e de Shakespeare, bem como outros escritores citados ou referidos em *Ulysses* para reproduzir uma expressão semelhante. Joyce viveu em meio a uma tradição oral, que ele utilizou ao citar provérbios, contos, anedotas, jogos e canções populares e ao escrever com os mesmos recursos: trocadilhos, frases feitas, insultos e versos simples e diretos. Ao mesmo tempo, ele conhecia os ritos e as orações católicas, a literatura, o jargão médico e jurídico, a ópera, ou seja, a cultura escrita basicamente – o que eu chamo de linguagem "polis": do grego, a língua da política e da cidade (como as tecnologias modernas não fazem parte do universo de Joyce, não é necessário tecer maiores considerações a respeito do oral e do escrito nos dias de hoje).

Tornei-me íntimo de biógrafos como Cixous, Ellman, Paris e Romana Paci para saber mais a respeito do homem, fui orientado por Adams, Benstock, Bowen, Budgen, Burgess, Gilbert, Hart, Hayman, Herring, Litz, Tindall, Senn, Val-

verde, and many others that brought to light the intricacies of the book. *Allusions in Ulysses, an annotated list*, by Weldon E. Thornton, was an excellent guideline; Miles Hanley's *A word index to James Joyce's Ulysses* allowed me to check if a word in a given context had been translated consistently when repeated; I followed the steps of Dedalus and Bloom through the maps of Clive Hart and Leo Knuth in *A topographical guide to James Joyce's Ulysses*. The advantage of translating *Ulysses* is that every chapter, almost every expression has been studied by joyceans; sometimes I had to choose between two different explanations, but the amount of information at hand was enormous. The practical information in the Spanish, French and Italian versions was to be taken into account, too.

Many traditional expressions are found in several languages, and many quotations from good books have their correspondence in foreign translations. Joyce uses plenty of previous materials, which he elaborates at will. Attention will be paid to these expressions, in which I tried to reproduce sounds, rhetorical devices, tales, set phrases, quotations, common in Western languages, both in their folklore and their literary tradition; there is a lot of pre-existent stuff that the transla-

verde e muitos outros que iluminaram as complexidades do livro. *Allusions in Ulysses, an annotated list* [*Alusões em Ulysses, uma lista anotada*] de Weldon E. Thornton foi um excelente guia. *A word index to James Joyce's Ulysses* [*Um índice de palavras de Ulysses de James Joyce*], de Miles Hanley, me permitiu verificar se uma palavra, em um determinado contexto, havia sido traduzida de modo coerente quando repetida. Segui os passos de Dedalus e Bloom por meio dos mapas de Clive Hart e Leo Knuth presentes em *A topographical guide to James Joyce's Ulysses* [*Um guia topográfico de Ulysses de James Joyce*]. A vantagem de traduzir *Ulysses* é a de que cada capítulo e quase toda expressão já foram estudados pelos joyceanos. Algumas vezes, tive que escolher entre duas explicações diferentes, porém, a quantidade de material disponível era imensa. As informações práticas obtidas pelas versões em espanhol, francês e italiano também tinham que ser levadas em conta.

Muitas expressões tradicionais são encontradas em diversas línguas<sup>4</sup> e as citações de bons livros possuem correspondentes em traduções estrangeiras. Joyce utiliza vários desses materiais antecedentes e os desenvolve ao próprio gosto. Uma atenção especial foi dada a essas expressões, nas quais tentei reproduzir os sons, os recursos retóricos, os contos, as frases feitas, as citações, recorrentes nas línguas ocidentais tanto no folclore quanto na tradição literária. Em suma, há

<sup>4</sup> Li muitas antologias de versos, jogos e contos. Outras obras estudadas incluem *Comparative studies in Nursery Rhymes* (1906) [*Estudos comparativos de versos infantis*] de Lina Eckenstein (1906), *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man* [*A Galáxia de Gutenberg: a criação do homem tipográfico*] de McLuhan, vários livros de Iona e Peter Opie e *Signes, lengua i cultura* [*Signos, língua e cultura*] de Sebastià Serrano, todos foram esclarecedores em diversas maneiras.

tor must know. Joyce quoted some piece or fragment, literally or just as an echo of the original, but it was always necessary to detect it. I had always in mind the two concepts, largely discussed among theorists, but useful for my purposes: literality and equivalence, in the sense that the meaning has to be preserved, sometimes with the same words, sometimes with different words, respectively, according to the best solution for the translation.

Proverbs provide good examples. A clear example of pre-existent literality could be: *To take the bull by the horns* (2.336) / *Agafar el toro per les banyes* (p. 37.29). The same solution was predictable in other translations: *Prendre le taureau par les cornes* (AM 35), *Prendere il toro per le corna* (GA 34), *Coger al toro por los cuernos* (G&V 2.422).

We may point at a good instance of pre-existent equivalence in *Fine goods in small parcels* (11.368) / *Al pot petit hi ha la bona confitura* (276.9), “Good jam is in small jars”, in both cases praising quality over quantity; applied to valuable presents, to women, etc. In this case the meaning is expressed with different objects, as other languages do: *Dans les petits pots les bons onguents* (AM 259), *Lo bueno si breve dos veces bueno* (V 420, taken from a saying by Baltasar Gracián), *Nelle botti piccole c'è il vino buono* (GA 258), *El buen per-*

uma grande quantidade de material preexistente que o tradutor deve conhecer. Joyce cita partes ou fragmentos, de maneira literal ou apenas como um eco do original, mas era sempre necessário descobri-los. Eu tinha o tempo todo em vista dois conceitos muito discutidos entre os teóricos e úteis para os meus objetivos: literalidade e equivalência, isto é, o sentido tem que ser mantido, algumas vezes com as mesmas palavras, outras vezes com palavras diferentes, respectivamente, de acordo com a melhor solução para a tradução.

Os provérbios oferecem bons exemplos, um deles que deixa claro a literalidade preexistente pode ser: *To take the bull by the horns* (2.336) [*Agarrar o touro pelos chifres*]/ *Agafar el toro per les banyes* (p. 37.29)<sup>5</sup>. A mesma solução era previsível em outras traduções: *Prendre le taureau par les cornes* (AM 35), *Prendere il toro per le corna* (GA 34), *Coger al toro por los cuernos* (G&V 2.422).

Podemos apontar um bom exemplo de equivalência preexistente em *Fine goods in small parcels* (11.368) [Os melhores produtos nas menores embalagens] / *Al pot petit hi ha la bona confitura* (276.9), “Good jam is in small jars” [“A geleia boa está em pequenos potes”], em ambos os casos a valorização da qualidade se sobrepõe a da quantidade e isso se aplica aos presentes valiosos, às mulheres etc. Nesse caso, o sentido é expresso por meio de diversos objetos, como o fazem outras línguas: *Dans les petits pots les bons onguents* (AM 259), [*Em pe-*

<sup>5</sup> A citação em inglês se refere ao capítulo e ao número da linha da edição de Glaber. Em catalão, a referência é da página e da linha da minha tradução de 1996 (Barcelona: Proa). Nas outras línguas, AM se refere a A. Morel's, Gallimard, 1948; V, a J.M. Valverde's, Lumen 1976; GA, a Giulio de Angelis, Mondadori, 1991, seguida pela página; e G&V, a F. García Tortosa e M. Luisa Venegas, Cátedra, 1999, seguida pelo capítulo e número da linha.

*fume en frascos pequeños* (G&V 11.459).

So far, the task of the translator consists of knowing the resources of both languages. He or she has not to look for personal renderings. But more often the parallel does not exist (or the translator does not know of it, or it is not possible because a particular word has to be kept in translation). Then the translator has full responsibility to *adapt* a solution that must refer to the same field intended by the original writer. In this case, adaptation means that the translator has to reconstruct the original text in the translated text, so that it reflects not only the words but the effects added to them: sound, verse, rhyme, proverb, cadence, jargons (literary, scholarly, religious, legal) that the mere translation of words in the code of the translating language would not necessarily reflect. Needless to say, we find different translators find different solutions.

The adaptation, too, may be literal or equivalent. An example of literal adaptation would be: *In cups of rock it slops: flop, slop, slap: bounded in barrels. And spent, its speech ceases. It flows purling, widely flowing, floating foampool, flower unfurling* (3.458) / *Clapoteja en gots de roca: toc, xoc, cop, acomboiat en bocois. I, esgotat, ex-*

*quenos frascos, boas pomadas], Lo bueno si breve dos veces bueno [O bom, quando é breve, é duas vezes bom] (V 420 retirado de uma fala de Baltasar Gracián), Nelle botti piccole c'è il vino buono [Em garrafas pequenas, há um bom vinho] (GA 258), El buen perfume en frascos pequeños [O melhor perfume nos menores frascos] (G&V 11.459).*

Até agora, a tarefa do tradutor consiste em conhecer os recursos de ambas as línguas. Ele ou ela não tem que buscar traduções pessoais. No entanto, é mais frequente que a semelhança não exista (ou o tradutor não a conhece, ou ela não é possível porque uma determinada palavra tem que ser mantida na tradução). Assim, o tradutor tem a total responsabilidade de *adaptar* uma solução que deve se referir ao mesmo campo pretendido pelo autor original. Nesse caso, adaptar significa que o tradutor tem que reconstruir o texto original no texto traduzido, de maneira que este expresse não apenas as palavras, mas também os efeitos a elas acrescentados: o som, o verso, a rima, o provérbio, a cadência e os jargões (literários, eruditos, religiosos, jurídicos etc.), os quais não seriam necessariamente contemplados pela simples tradução de palavras no código da língua traduzida. Não é preciso dizer que vemos diferentes tradutores encontrarem diferentes soluções.

Também a adaptação pode ser literal ou equivalente. Eis um exemplo de adaptação literal: *In cups of rock it slops: flop, slop, slap: bounded in barrels. And spent, its speech ceases. It flows purling, widely flowing, floating foampool, flower unfurling* (3.458) / *Clapoteja en gots de roca: toc, xoc, cop, acomboiat en bocois. I, esgotat, e-*

*haureix la xerradissa. Flueix en un murmuri, fluïnt a l'ample, flotant bassal d'escuma, flor que es forma* (54.14), where, together with a fairly literal rendering, we cannot forget words and sounds that reflect the breaking of the waves on the shore and their softer backward movement.

An example of equivalent adaptation could be: *I. N. R. I ? No: I. H. S. [...] I have sinned: or no: I have suffered, it is. And the other one? Iron nails ran in (5. 372) / I. N. R. I. ? No: I. H. S. [...] Inic he sigut. O no: Immensament he sofert. I l'altra? Invicte nazarè reu immolat* (85.39) “Iniquitous(I) have been” “Immensely (I) have suffered”, “Invict Nazarene, immolated defendant”. It is not a literal translation, except for a few words, but the priority was the adaptation to the initials, and it is equivalent insofar the sacrifice of Christ is implied, even though the nails do not appear.

Apart from these general ways of translating, I gradually became aware that it was important to distribute Joyce's references into separate fields if I wanted to find the Catalan counterpart. I must say that I was to develop the full system later, but I felt, when engaged in translating *Ulysses*, that there were different compartments, and I had to assign my notes and cards accordingly. They would amount to a dozen groups. Here they are.

*xhaureix la xerradissa. Flueix en un murmuri, fluïnt a l'ample, flotant bassal d'escuma, flor que es forma* (54.14); em que, além de uma interpretação bem literal, não se pode esquecer as palavras e os sons que refletem a quebra das ondas na praia e seus suaves movimentos de volta.

Um exemplo de adaptação equivalente seria: *I. N. R. I ? No: I. H. S. [...] I have sinned: or no: I have suffered, it is. And the other one? Iron nails ran in (5. 372) / I. N. R. I. ? No: I. H. S. [...] Inic he sigut. O no: Immensament he sofert. I l'altra? Invicte nazarè reu immolat* (85.39) “Iniquitous(I) have been” “Immensely (I) have suffered”, “Invict Nazarene, immolated defendant” [Iníquo, tem sido; Imensamente, tem sofrido; Invicto Nazareno, imolado réu]. Esta só não é uma tradução literal por causa de algumas palavras, mas a prioridade era a adaptação às letras iniciais, que é equivalente desde que o sacrifício de Cristo esteja implícito, embora os cravos não apareçam.

Para além dessas maneiras usuais de traduzir, aos poucos fui tomando consciência da importância de separar as referências de Joyce em diversas áreas, se quisesse encontrar as correspondências em catalão. Devo dizer que desenvolveria mais tarde todo o método<sup>6</sup>, mas, quando estava envolvido com a tradução de *Ulysses*, senti que havia diferentes compartimentos e que as minhas anotações e meus fichamentos tinham que ser classificados de acordo com eles. Eles formariam doze grupos, apresentados abaixo:

<sup>6</sup> Minha tese de doutorado intitula-se *Bases d'una traducció catalana. Ulisses de James Joyce* (1988) [*Fundamentos de uma tradução catalã. Ulisses de James Joyce* (1988)], publicada parcialmente como *Llengua de tribu i llengua de polis: bases d'una traducció literària [A língua da tribo e a língua da polis: fundamentos de uma tradução literária]*. Barcelona: Quaderns crema, 1991.

## TRIBE

1. Body & environment
2. Language
3. Proverbs & Popular knowledge
4. Spells & Magic
5. Tales & Stories

## POLIS

6. Social organization and practice
7. Science & Technology
8. Ideology
9. Religion
10. Literary world

## THE BRIDGES

11. School
12. Mass media

Five are the stages of oral development, from 1) the set pieces of language that refer to the body, movement and environment (nursery and action rhymes, especially); 2) the acquisition of language, from phonetics to semantics; 3) sentences of old to inform or guide us; 4) blessings and curses, terms of abuse or spells that are meant to act through language, and 5) every arrangement that tells a story, from gossip to jokes, songs, and tales.

The polis requires a specific language, somehow parallel to the one from the tribe (physical body vs. body politic), but transcending the area of the tribe: 6) we need identity cards, learn how to understand signs, timetables, fill in forms, contracts, the new messages that the city creates; 7) technical terms identify specialized knowledge; 8) governments, industry, politicians try to convince us with their instructions; 9) religions of the Book provide us with a body of

## A TRIBO

1. Corpo e meio
2. Língua
3. Provérbios e conhecimento popular
4. Feitiços e mágica
5. Contos e estórias

## A POLIS

6. Organização e prática social
7. Ciência e tecnologia
8. Ideologia
9. Religião
10. Universo literário

## AS PONTES

11. Escola
12. Comunicação de massa

São cinco os estágios do desenvolvimento da oralidade: 1) o conjunto de expressões da língua que se referem ao corpo, ao movimento e ao meio (principalmente os versos infantis e de ação); 2) a aquisição da linguagem – da fonética à semântica; 3) frases antigas para nos informar ou nos orientar; 4) bênçãos, maldições, palavras de insulto ou feitiços que servem para agir por meio da linguagem e 5) todos os arranjos que contam uma história – dos mexericos às anedotas, às canções e aos contos.

A polis exige uma linguagem específica, de certo modo semelhante à da tribo (corpo físico vs. corpo político), mas transcendendo o território da tribo: 6) precisamos de carteiras de identidade, aprender a entender as placas, os horários, preencher formulários, contratos, as novas mensagens criadas pela cidade; 7) termos técnicos distinguem o conhecimento especializado; 8) os governos, a indústria e os políticos tentam nos convencer com suas instruções; 9) as religiões que seguem

writings that establish themselves as a code and a guide, and, finally, 10) the world of literature, does not limit only to literary books, but to theatre, movies, opera, all that nourishes the world of fiction, not anonymous any more, at least in its origin.

The bridges between tribe and polis are 11) the school, and, increasingly nowadays, 12) the media. Pupils at Mr Deasy's, like all schoolchildren, learn to read and write and do sums as a training for a life not limited to the countryside, and *The Freeman's Journal* puts people into contact with a wider world and shapes their mind and tastes.

The limits for those fields, and for written and oral, are not clear-cut. A philosophical sentence may become a popular proverb in due time, a proverb may give rise to a tale or vice versa. An expression highly specialized in its origin becomes commonplace in modern cities or adapted to the school needs. But I found useful to classify the several units of language in those twelve fields, so that Catalan reflected the original as properly as possible.

The scope of this paper does not allow but to cite a few instances in illustration of what I say. A single example and a brief note should suffice to illustrate my Catalan translation. As the field of language is more complex, it will be expanded to examples according to sound (2.1), meaning (2.2), rhetorical device (2.3), slang (2.4), nicknames (2.5) and set phrases, which act both syntactically and modify the meaning of its components (2.6)

os livros da Bíblia nos fornecem uma série de *escritos* que se afirmam como um código e um guia e, finalmente, 10) o universo literário, que não se limita aos livros de literatura, mas se estende ao teatro, ao cinema, à opera, a tudo que alimenta o mundo da ficção, não mais anônimo, ao menos em sua origem.

As pontes entre a polis e a tribo são: 11) a escola e, cada vez mais nos dias de hoje, 12) os meios de comunicação. Os alunos de Mr Deasy, como os de todas as escolas infantis, aprendem a ler, a escrever e a fazer cálculos como um treino para a vida que não se restringe à vida no campo. O Jornal *The Freeman* coloca as pessoas em contato com um mundo maior e molda-lhes as mentes e gostos.

Os limites entre essas áreas e entre o oral e o escrito não são bem definidos. Uma frase filosófica pode se tornar um provérbio popular no tempo devido, um provérbio pode dar origem a um conto ou vice-versa. Uma expressão de origem altamente especializada torna-se lugar comum nas cidades modernas ou adapta-se às necessidades escolares. Mas achei que seria útil classificar as várias unidades de linguagem naquelas doze áreas, de maneira que o catalão refletisse o original da maneira mais correta possível.

O escopo deste artigo permite citar apenas alguns trechos para ilustrar o que eu digo. Um único exemplo e um breve comentário serão suficientes para dar mostra da minha tradução catalã. Como a área da linguagem é complexa, os exemplos serão expandidos de acordo com o som (2.1), o sentido (2.2), recurso retórico (2.3), gíria (2.4), apelidos (2.5) e frases feitas (2.6), que atuam tanto sintaticamente quanto como modificadores de sen-

1. *here's the lord mayor, here's his two horses, here's his gingerbread carriage and here he walks in, chinchopper, chinchopper, chinchopper, chin.* (13.258) / *barba barbata, boca boqueta, nas de pericó, ulls de bon minyó, barbata, barbata, bo.* (365.11)

A traditional rhyme played on a baby's face in both languages.

2.1. *Peter Piper pecked a peck of pick of peck of pickled pepper* (9.276) / *En pic pica un poc de pebre Peter Piper té picor* (201.2)

The repetition of letters suggests a tongue twister.

2.2. *I was just going to throw it away [...] Throwaway.* (5.537, 12.1550, etc.) / *també acabarà llençat [...] Llançat.* (90.27, 337.30, etc.)

"It will be thrown ("llançat") in the end". "Llançat" also means "at full speed", a suitable name for a race horse.

2.3. *Able was I ere I saw Elba.* (7.683) / *Elba m'aïlla allí, amable.* (145.5)

"Kind Elba isolates me there". The palindrome is maintained, and some words of the original as well. A process with some logic may be inferred; Napoleon was able before being confined to the island of Elba, but considering that St Helen was worse, Elba may be seen as a kinder ("amable") island.

2.4. *Shut your obstropolos* (14.1569) / *Atxanta la mui.* (438.23)

"Shut your mouth" using a

tido de seus componentes.

1. *here's the lord mayor, here's his two horses, here's his gingerbread carriage and here he walks in, chinchopper, chinchopper, chinchopper, chin.* (13.258) / *barba barbata, boca boqueta, nas de pericó, ulls de bon minyó, barbata, barbata, bo.* (365.11)

Um verso tradicional que explora a imagem do rosto de um bebê nas duas línguas.

2.1. *Peter Piper pecked a peck of pick of peck of pickled pepper* (9.276) / *En pic pica un poc de pebre Peter Piper té picor* (201.2)

A repetição das letras lembra um trava-língua.

2.2. *I was just going to throw it away [...] Throwaway.* (5.537, 12.1550, etc.) / *també acabarà llençat [...] Llançat.* (90.27, 337.30, etc.)

"Ele vai se lançar ("llançat") no final". "Llançat" quer dizer também "a toda velocidade", um nome apropriado a um cavalo de corrida.

2.3. *Able was I ere I saw Elba.* (7.683) / *Elba m'aïlla allí, amable.* (145.5)

"A gentil Elba me isola ali". O palíndromo é mantido bem como algumas palavras do original. Um processo com uma certa lógica pode ser inferido: Napoleão era um homem poderoso antes de ser exilado na ilha de Elba, mas considerando-se que Santa Helena era pior, Elba pareceria uma ilha mais gentil ("amable").

2.4. *Shut your obstropolos* (14.1569) / *Atxanta la mui.* (438.23)

"Cale a sua boca" em uma

Gipsy expression known in Catalan slang.

2.5. *Buck, Blazes, Hoppy... (passim) / Boc, Brases, Rank... (passim)*

Nicknames are translated literally or nearly so (“he-goat, live coals, hoppy”), as they refer to a trait of the person so called. Besides, they sound like “English” words to Catalan ears.

2.6. *It’s as uncertain as a child’s bottom (6.138) / És insegur com el cul del Jaumet (96.1)*

Catalan has the same expression to express constant change or movement, and calls the child “a Jimmy”.

3. *Out of sight, out of mind (6.872) / Lluny de la vista, lluny del pensament. (117.19)*

There is literal coincidence in both languages.

4. *The curse of my curses  
Seven days every day  
And seven dry Thursdays  
On you, Barney Kiernan  
Has no sup of wáter  
To cool my courage  
And my guts red roaring  
After Lowry’s lights. (12.740)*

We have recourse to literal adaptation, with minor changes for the sake of rhythm.

5. *Tell her a ghost story in bed to make her sleep. Have you ever seen a ghost? Well, I have. It was a pitchdark night. The clock was on the stroke of twelve. (6.754) / Explica-li una història de fantasmes quan sigueu al lli per fer-la dormir. Has vist mai cap fantasma? Doncs jo sí. Era una nit fosca com una*

expressão cigana conhecida na gíria catalã.

2.5. *Buck, Blazes, Hoppy... (passim) / Boc, Brases, Rank... (passim)*

Os apelidos são traduzidos de forma literal ou quase isso (bode, carvão em brasa, manco), quando se referem às características da pessoa apelidada. Além disso, soam como palavras “inglêsas” aos ouvidos catalães.

2.6. *It’s as uncertain as a child’s bottom (6.138) / És insegur com el cul del Jaumet (96.1)*

O catalão possui a mesma expressão para designar uma mudança ou um movimento constante, e a criança é chamada de “Jimmy”.

3. *Out of sight, out of mind (6.872) / Lluny de la vista, lluny del pensament. (117.19)*

Existe uma coincidência literal entre as duas línguas.

4. *Maleït siga Barney Kiernan  
set setmanes per setmana  
i set secs dijous de més.  
Maleït siga Barney Kiernan  
que no em dóna ni un glop d’aigua  
ni una poma per a la set.  
Els budells em grunyen, Lowry,  
quan encens els teus llumets.  
(324.23)*

Recorremos à adaptação literal, com pequenas alterações por conta do ritmo.

5. *Tell her a ghost story in bed to make her sleep. Have you ever seen a ghost? Well, I have. It was a pitchdark night. The clock was on the stroke of twelve. (6.754) / Explica-li una història de fantasmes quan sigueu al lli per fer-la dormir. Has vist mai cap fantasma? Doncs jo sí. Era una nit fosca com una gola de*

*gola de llop. Al toc de les dotze.* (113.40)

It is practically a literal rendering. In Catalan there is an equivalence for “pitchdark”: “dark as a wolf throat”. The last sentences identify topics of tales and ghost stories.

6. *Everything went off A 1* (6. 684/*Tot ha anat de primera.* (111.37)

A set phrase originated in navigation. A 1 «was used to denote a first-class ship in Lloyd’s Register; and so came to be used adjectively, in a general sense, for ‘excellent’, etc.». “De primera” has a similar origin.

7. *mountain gorse* (Ulex Europeus) (12.158) / *argelaga de bosc* (Ulex europeus) (308.21)

Latin identifies the species and must not be translated. But this link, although not present in the text, has to be found to be sure of the equivalent popular name for plants (scarlet runners, loofah, rape, etc.), and for animals (bluebottle, earwig, lapwing, gunnard, etc.) There are many other names of speciality in *Ulysses*: figures of speech, chemistry, names for illnesses, sports, printing types, and so on.

8. *every country, they say, our own distressful included, has the government it deserves.* (16.1096) / *diuen que cada poble, fins I tot aquesta dissortada pàtria nostra, té el govern que es mereix* (638.9)

Joseph de Maestre’s conservative saying has often become a

*llop. Al toc de les dotze.* (113.40)

Esta é uma versão quase literal. Em catalão, existe uma equivalência para “pitchdark” que vem a ser “escuro como a garganta de um lobo”. As últimas frases remetem a temas de contos e de histórias de fantasmas.

6. *Everything went off A 1* (6. 684/*Tot ha anat de primera.* (111.37)

Uma frase feita oriunda da navegação. A 1 “era usado para designar um navio de primeira classe no registro de Lloyd e por isso passou a ser utilizado como adjetivo, em um sentido geral, como sinônimo de ‘excelente’, etc.”<sup>7</sup> A expressão “de primera” possui origem semelhante.

7. *mountain gorse* (Ulex Europeus) (12.158) / *argelaga de bosc* (Ulex europeus) (308.21)

O latim nomeia as espécies e não deve ser traduzido. Mas essa ligação, mesmo não aparecendo no texto, tem que ser encontrada para se ter a certeza do nome popular equivalente das plantas (feijão es-carlate, bucha, colza, etc.) e dos animais (mosca varejeira, lacraia, abibe, cabaço, etc.). Há muitos outros termos especializados em *Ulysses*: figuras de linguagem, química, nomes de doenças, esportes, tipografias etc.

8. *every country, they say, our own distressful included, has the government it deserves.* (16.1096) / *diuen que cada poble, fins I tot aquesta dissortada pàtria nostra, té el govern que es mereix* (638.9)

O ditado conservador de Joseph de Maestre tornou-se um cli-

<sup>7</sup> V.H. Collins: *A book of English Idioms*. Longmans, 1958, p. 28.

cliché known to many languages.

9. *They believe in rod, the scourger almighty, creator of hell upon earth, and in Jacky Tar, the son of a gun, who was conceived of unholy boast, born of the fighting navy, suffered under rump and dozen, was scarified, flayed and curried, yelled like bloody hell, the third day he arose again from the bed, steered into haven, sitteth on his beamend till further orders whence he shall come to drudge for a living and be paid.* (12.1354) / *Creuen en el cop de vara, assot totpoderós, creador de l'infern a la terra, i en Jep Quitrà, fill de sa mare, el qual fou concebut per obra de l'acudit nefand, nasqué de Marina de Guerra, patí tacó a la carn, per la culata, fou esdernegat, escorxat i adobat, udolà com un infern, el tercer dia es despertà, entre els ports pilotà el vaixell, seu amb el dogal al coll fins a nova ordre, i des d'allí ha de venire a escarrassar-se entre els vius per un mos.* (341.20)

The rhythm and rhymes reproduce or echo the *I believe* prayer: *vara – Pare, totpoderós-Totpoderós, creador de l'infern a la terra – de cel i terra, Jep Quitrà – Jesucrist, el qual fou concebut – el qual fou concebut*, and so on.

10. *Hamlet, I am thy father's spirit Doomed for a certain time to walk the earth.* (8.67) / *Hamlet, d'aquell qui fou ton pare jo sóc l'ànima Damnada per un temps a anar errabunda* (160.1)

I used what was the standard translation of *Hamlet* in Catalan, by Magí Morera i Galícia. In other Shakespearian quotations Josep M. de Sagarra was the chosen translator. When available I looked at the

chê conhecido em muitas línguas.

9. *They believe in rod, the scourger almighty, creator of hell upon earth, and in Jacky Tar, the son of a gun, who was conceived of unholy boast, born of the fighting navy, suffered under rump and dozen, was scarified, flayed and curried, yelled like bloody hell, the third day he arose again from the bed, steered into haven, sitteth on his beamend till further orders whence he shall come to drudge for a living and be paid.* (12.1354) / *Creuen en el cop de vara, assot totpoderós, creador de l'infern a la terra, i en Jep Quitrà, fill de sa mare, el qual fou concebut per obra de l'acudit nefand, nasqué de Marina de Guerra, patí tacó a la carn, per la culata, fou esdernegat, escorxat i adobat, udolà com un infern, el tercer dia es despertà, entre els ports pilotà el vaixell, seu amb el dogal al coll fins a nova ordre, i des d'allí ha de venire a escarrassar-se entre els vius per un mos.* (341.20)

O ritmo e os versos reproduzem ou ecoam a oração “O credo”: *vara – Pare, totpoderós-Totpoderós, creador de l'infern a la terra – de cel i terra, Jep Quitrà – Jesucrist, el qual fou concebut – el qual fou concebut*, e assim vai.

10. *Hamlet, I am thy father's spirit Doomed for a certain time to walk the earth.* (8.67) / *Hamlet, d'aquell qui fou ton pare jo sóc l'ànima Damnada per un temps a anar errabunda* (160.1)

Utilizei a tradução clássica catalã de *Hamlet* feita por Magí Morera i Galícia. Em outras citações de Shakespeare, escolhi o tradutor Josep M. de Sagarra. Quando era possível, conferia as versões ca-

Catalan version of Dante, Homer, Keats, Milton, Yeats, for Joyce's parallels, or I translated the quotations myself if necessary. I also adapted opera bits (*Don Giovanni*, *Martha*), songs, and some parodies, acrostics, Stephen's poems, etc.

11. *a noun is the name of any person place or thing* (18.1473) / *nom designa una persona un lloc o una cosa*. (776.4)

The definition of noun is shared by different school grammars.

12. *My bust developed four inches in three weeks, reports Mrs Gus Rublin with photo*. (15.3258/ *El meu bust ha crescut quatre dits en tres setmanes, comunica Mrs Gus Rublin, amb foto*. (546.24)

The language of an advertisement is typically reproduced. I adapted *inches* to popular measures in Catalan.

Many other aspects could be dealt with, but these will be enough, I hope, to tell the story of my translation of *Ulysses*, and of strategies made clear by these few examples.

talãs de Dante, Homero, Keats, Milton, Yeats, para verificar as correspondências com Joyce ou, se fosse preciso, traduzia eu mesmo as citações. Adaptei também trechos de óperas (*Don Giovanni*, *Martha*), canções, algumas paródias, acrósticos, poemas de Stephen etc.

11. *a noun is the name of any person place or thing* (18.1473) / *nom designa una persona un lloc o una cosa*. (776.4)

A definição de substantivo é compartilhada por diversas gramáticas escolares.

12. *My bust developed four inches in three weeks, reports Mrs Gus Rublin with photo*. (15.3258/ *El meu bust ha crescut quatre dits en tres setmanes, comunica Mrs Gus Rublin, amb foto*. (546.24)

A linguagem publicitária é tipicamente reproduzida. Adaptei as *polegadas* às medidas mais usadas em catalão.

Muitos outros aspectos poderiam ser trabalhados, mas esses serão suficientes, assim espero, para contar a história da minha tradução de *Ulysses* e das estratégias expostas por meio desses poucos exemplos.

**Joaquim Mallafrè**

*jmallafre@iec.cat*

*Prof. doutor, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona*

*Tradução de:*

**Nana Coutinho**

*Mestre, Universidade Federal de Santa Catarina*

*nana.coutinho@gmail.com*

**Carolina Paganine**

*Doutora, pós-Doutaranda, Universidade Federal de Santa Catarina*

*carolgp@gmail.com*